

## 3º Domingo da Quaresma

### 1ª leitura (Antigo Testamento) - Êxodo 20,1-17

A versão dos Dez Mandamentos preferida em todas as igrejas é esta, mas também existe uma outra versão em Deuteronômio 5:6-21 (que no lecionário deste ano figura no Próprio 4 e não será lida em 2003). As duas versões são quase idênticas, salvo pela justificativa do Sábado. Na versão de Êxodo se diz que se deve "guardar o Sábado" por causa de Deus ter trabalhado seis dias na criação e ter descansado no sétimo (Êx 20,11) argumento que é retirado da releitura sacerdotal do mito babilônico da criação (cf. Gn 2,2). Na versão do Deuteronômio, a justificativa do Sábado se dá pela lembrança do povo ter sido escravo no Egito (Dt 5,15). Essa "lembrança deuteronômica" condiz melhor com o sentido geral dos mandamentos dado pelo título: "*Eu sou Javé teu Deus que tirou da terra do Egito, da casa da servidão*" (Êx 20,1 e Dt 5,6).

A preferência pela versão do Êxodo dos Dez Mandamentos se deve a fato de ter dado maior importância aos primeiros mandamentos numa ênfase mormente religiosa. No entanto, a opressão no Egito não aconteceu por causa de adorar outros deuses, nem por fazer imagens, nem por usar em vão o nome de Deus ou não guardar o Sábado. A opressão, de onde nascem os Dez Mandamentos, foi por causa da capacidade opressora de um grande império sobre pessoas empobrecidas e excluídas. Os outros mandamentos aos quais é conferida importância menor são, no entanto, a maior parte dos mandamentos podendo ainda incluir o Sábado conforme a justificativa deuteronômica. Portanto a leitura espiritualizante dos Dez Mandamentos leva a:

a) Descontextualizar o decálogo, retirando seu sentido como garantia de libertação e transformando-o em mero pietismo religioso.

b) Desvalorizar a maior parte dos mandamentos como se o cumprimento das "obrigações religiosas" levasse automaticamente à prática da justiça social, política e econômica.

Quando Jesus citou os mandamentos para o jovem rico, mencionou apenas os mandamentos sociais e não os religiosos (Mt 19: 18-19; Mc 10;19; Lc 18:20). Quando Jesus resumiu os mandamentos, uniu o "*Shema Israel*" recitado pelos sacerdotes desde a época da reforma do rei Josias (amar a Deus...cf. Dt 6,5) ao mandamento do amor ao próximo (cf. Lv 19,18). O Novo em Jesus não é nem um nem outro mandamento, mas entender a total interdependência entre ambos. Por isso os Dez mandamentos não podem ser entendidos apenas como uma obrigação religiosa de piedade pessoal, mas como uma proposta de novas relações econômicas, sociais e políticas. (HMG)

### 2ª leitura (Epístola) – Romanos 7.13-25

O trecho em questão trata do conflito entre a lei e o pecado dentro de nós. Essa consideração faz parte da explicação paulina de sua tese de que a promessa da vida da fé, vida considerada justa, boa e agradável diante de Deus e a conseqüente paz é anterior à promulgação da lei de Sinai. Abreviando os passos do seu pensamento, morremos com Cristo no Batismo para a lei em seu caráter condenatório para vivermos em novidade de vida para Deus, não mais considerando Deus, à luz da ameaça condenatória, (a lei tem várias

conotações em Paulo). Aqui há um diálogo um tanto tempestuoso entre Paulo e seus oponentes. Eles teriam dito que Paulo anula a lei (Torah, instruções do caminho da vida) e leva os gentios convertidos apenas, metaforicamente, ao espaço dos gentios no Templo, mas não ao seu interior sagrado e que ele confundia a lei e o pecado. Paulo responde: de modo nenhum! A lei é santa, justa e boa, (espiritual em vs.14 equivale a dizer, tem origem divina) expressões que vêm do judaísmo (vs7, 12). Entretanto, na experiência da vida há uma outra dimensão que deve ser considerada. A lei é impotente para levar as pessoas à vida de fé, de justiça e paz diante de Deus e uns com os outros. Não só é impotente, mas induz o contrário, o caminho da morte.

Vs. 13 - Como a instrução do caminho da vida redundava em morte? A lei é, então, pecaminosa? De modo algum! A lei é boa. A equivalência entre o bem e a lei encontra-se em Pv 4.2 (a lei, Torah, no original é direção, ensino). No entanto, há algo perturbador. A lei tão boa tornou-se a ocasião para revelar essa coisa imensamente perturbadora. É a dimensão da vida sob o domínio do pecado que contraria a bondade de Deus, isto é, carnal, vendido à escravidão do pecado. A carne não é uma parte da vida considerada material, pois preocupações materiais em si não são pecaminosas. A pessoa humana como um todo é carnal ou espiritual, dependendo da orientação: do Espírito ou do seu egoísmo. Assim, as coisas comumente chamadas de "espirituais", as "preocupações espirituais", e outras coisas boas que visam apenas o seu bem estar, (em poucas palavras, Deus como o meio e eu, sendo o centro e o fim de todas as coisas), em princípio podem ser carnis. Para Paulo a proibição da lei revela no homem a perversidade de modo "virulento" (Tradução da TEB).

O vs. 11 é uma citação do Gênesis 3. Por exemplo, o "não" dos pais provoca uma reação reveladora nas crianças, que é uma pista. Na estória de Gênesis 3, o "não" de Deus levou Adão e Eva a uma reação muito sofisticada. Que há atrás dessa proibição?... Foi quebrada a relação de confiança e foi provocado o desejo de ser igual a Deus, não em amor, mas em poder. Em outras palavras, em estado "beligerante" a lei induz a condenação. Nessa condição, a lei revela o conflito dentro de nós. O mal que odeio faço e o bem que eu quero não faço. Então, diz o apóstolo, eu percebo que há uma outra lei dentro de mim, isto é, o domínio do pecado, cujo fim é a morte. Que miserável criatura eu sou? Quem me libertará da escravidão do pecado? É um grito meio desesperado. Meio desesperado, porque logo vem a afirmação de esperança: "graças a Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor". Então, com respeito à lei, São Paulo está dizendo: não só revela o pecado, mas também nos induz ao pecado. A lei é boa, mas não tem o poder salvador. Por outro lado, há, também, nas cartas a expressão "lei de Cristo". Essa é a lei da vida sob o poder transformador do Espírito Santo. É a lei do amor. O amor manifesto de Deus em Cristo é a chave para entender o Decálogo como orientação para a vida em amor.

Há, também, um outro ponto que deve ser observado. A tendência do pecado é corromper o que é bom. Até o desejo de fazer o bem não está isento da corrupção. Todavia, o Evangelho soa forte sobrepujando a paralisia que esse conflito e o pessimismo sobre a natureza humana possam causar. Graças a Deus...Não há condenação...(8.1) Há orientação do amor pela reconciliação que o próprio Deus fez com a humanidade. (ST)

## Santo Evangelho - João 2. 13-22

O texto do evangelho de hoje é um dos mais desafiadores textos para a igreja moderna. Todos os que vivemos em função da igreja somos diuturnamente tentados a cair em uma tentação bem peculiar: a secularização. Este foi o pecado que sobreveio aos líderes religiosos daquela época. O texto de hoje nos apresenta o que acontece quando religião vira meio de vida, quando religião vira ganha-pão e o templo vira mercado.

Quando o templo vira mercado pelo menos três coisas acontecem.

Em primeiro lugar, quando o templo vira mercado, a estrutura que explora se especializa. O texto de hoje faz referência aos que vendiam bois e pombas, aos que compravam e aos cambistas. Os bois e as pombas eram vendidos para as duas pontas da sociedade da época. Os mais ricos ofereciam bois e os mais pobres ofereciam pombas. Os cambistas eram aqueles especializados em trocar as diversas moedas que circulavam em Jerusalém nos dias de festa. O texto descreve um sistema especializado em explorar. Cada um tinha seu papel no esquema. Ninguém se envolvia nos negócios do outro. O estabelecimento e o crescimento de uma hierocracia é uma consequência triste para aqueles que enterram seus dons e se transformam em funcionários do sagrado, membros de um sistema bem elaborado, cujo único propósito é o lucro e a exploração dos pobres e das viúvas.

Em segundo lugar, quando templo vira mercado, a religião dá sustentação para a exploração. Todo aquele esquema de exploração existia sob a bênção dos sacerdotes, que levavam uma porcentagem de todos os lucros. Quando a religião vira meio de vida os líderes passam a dar muita atenção às porcentagens, aos lucros. A exploração dos pobres já não é mais vista. Ou então vira retórica sem gestos concretos. Quando o templo vira mercado é possível que as multidões se acostumem a frequentar o ambiente, mas a transformação das vidas não acontece mais. Durante as festas todos estão lá. Há muito *glamour*, todos querem levar o melhor boi, o melhor sacrifício. A fogueira das vaidades é acesa com o fogo santo da casa de Deus. A religião só é usada para pacificar as consciências que oprimem. Para legitimar como certo aquilo que Deus abomina. A religião atua como, nas palavras de Louis Althusser, como aparelho ideológico, maquiando a realidade e enganando os pobres.

Finalmente, quando templo vira mercado carecemos de uma ação purificadora de Jesus. De acordo com o texto, Jesus não permaneceu parado assistindo à cena como se nada estivesse acontecendo. Ele expulsa a todos, derrama o dinheiro pelo chão e vira as mesas. Isto ocorreu porque Deus não pode suportar a "iniquidade associada ao ajuntamento solene" (Is 1.13). Quando os sacerdotes esquecem a justiça e não defendem mais o direito dos órfãos e das viúvas, então o culto se transforma em uma triste abominação aos olhos de Deus. É preciso virar a mesa. Para os discípulos, essa atitude de Jesus tem origem no zelo pela casa de Deus.

Muitos em nosso país transformaram a santa carreira de ministro do Evangelho em um ganha-pão e em meio de vida. Não negamos ser digno e justo que vivam do Evangelho aqueles que se dedicam a este labor. Mas precisamos tomar cuidado com a secularização. Precisamos temer se nos acostumamos

com o sagrado. É preciso estar atento para verificar se ele já não desperta em nós a idéia do *tremendum-fascinans* apresentada por R. Otto. (JLFA)